

O TERRENO E OS PLANOS INICIAIS DA GUERRA DO PARAGUAI

Resumo da Conferência feita pelo Ten.-Cel. DIDEROT MIRANDA, no 4º R.I., a 2-VIII-950

I — INTRODUÇÃO

Todos nós conhecemos a influência preponderante que o terreno exerce nas operações militares, chegando mesmo a dizer-se que ele, o terreno, é um verdadeiro tirano. No estudo dos fatores da decisão militar, aprendemos que o chefe, de qualquer categoria, deverá analisar :

— a missão, o inimigo, os meios e o terreno.

É óbvio que esta influência tirânica do terreno não se exerce apenas nas decisões dos pequenos escalões, porém, ela se estende até o Alto Comando.

É o que se verifica nos Planos de Operações para a guerra do Paraguai, traçados por homens de discernimento, grande patriotismo, inteireza de caráter e abalizados conhecimentos das coisas militares, tais como o Duque de Caxias, patrono do Exército; Almirante Tamandaré, patrono da Marinha e Pimenta Bueno, Conselheiro e Senador do Império.

Ao se iniciar a guerra do Paraguai, não existiam cartas deste país, os estrangeiros não podiam visitá-lo desde a sua independência, e os guaranis viviam há mais de meio século, sob a direção de ferozes ditadores, particularmente o último: Marechal Solano Lopes. Uma impenetrável cortina descia sobre os limites do Paraguai. Apenas ao longo do rio do mesmo nome era permitida a passagem de navios estrangeiros. Deste modo, nossos conhecimentos sobre o Paraguai se restringiam ao rio e o res-

tante desta República era domínio de pura lenda. Assim, os estadistas e chefes brasileiros, tiveram que tomar decisões desconhecendo quase completamente o Teatro de Operações. Os executantes agiam tateando o terreno.

O Gen. Tasso Fragoso em sua obra, História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, neste assunto assim se refere :

“A maior dificuldade, porém, com que terão de lutar os aliados será a sua profunda ignorância com respeito a quase tudo que se refere ao Paraguai.

O isolamento em que vivera esse País durante largos anos e o seu reduzido desenvolvimento tornavam-no uma incógnita indecifrável para os que nêle tivessem de penetrar. A não ser o que o estrangeiro podia lobrigar subindo o rio Paraguai quase nada mais lhe era dado conhecer do interior.

A sua geografia permanecia ignorada; cartas topográficas não as havia; as geográficas existentes, além de poucas, eram demasiado grosseiras e resumidas. Só o rio Paraguai estava um pouco conhecido, em vista das necessidades da navegação e dos trabalhos de Mouchez.

Destarte, os aliados invadiram o Paraguai pisando um terreno difficilimo, como veremos, sem cartas para os orientar, sem guias seguros e achando o desconhecido na sua frente. Farão uma guerra às apalpadelas, conforme se disse com perfeita exatidão”.

Hoje, porém, com as informações que os chefes e estadistas daquela

época não tinham, e senhores que somos do que aconteceu, podemos nos permitir, a análise dos Planos traçados apontando novos rumos que nossos antepassados não puderam tomar.

II — DESCRIÇÃO SUMÁRIA DA REPÚBLICA DO PARAGUAI E ADJACÊNCIAS

1) Regiões limítrofes.

Em 1884, os limites do Paraguai com as nações vizinhas, não estavam fixados e vastas regiões eram contestadas entre ele de um lado e a Bolívia, Argentina e Brasil por outro. Admitindo-se o que os países então ocupavam, vejamos perfunctoriamente as regiões limítrofes.

A Bolívia não entrou na guerra. Uma vasta região, o Chaco, era contestada entre estas duas nações; tratava-se, porém, de um território desconhecido, sem vias de comunicação, sujeito a grandes secas ou inundações, habitado por índios selvagens, que anos depois da guerra ainda matavam os exploradores que por lá apareciam. Somente após 70 anos, em nossos dias, foi possível a eclosão da guerra Bolívia-Paraguai, nestas terras ainda hoje pouco habitadas.

A fronteira real entre a Argentina e o Paraguai em 1864, podia ser dividida em três partes: 1) Misiones; 2) terras a leste do rio Paraná; 3) terras a oeste deste mesmo rio. O território de Misiones, em meados daquele século, sem estradas, pouco conhecido, excêntrico em relação às forças em jogo, não se prestava para qualquer operação militar. Os terrenos a oeste do rio Paraná, do lado argentino ou paraguaio, eram também pouco conhecidos, inóspitos, com rios de curso lento e errático, água do subsolo salobra e impróprios para operações bélicas na época em aprêço. Restam-nos justamente a parte mais conhecida e povoada que é a do rio Paraná inclusive, até pouco além de Itaipua-Pousadas. Era a fronteira viva. Ricas pastagens alternavam-se com largos extensos banhados; já então vilas e caminhos pontilhavam

ou serpenteavam pelas partes mais altas.

O rio Paraguai é francamente navegável desde sua foz no rio Paraná e, através dele, é que eram feitas as comunicações da Côte e das províncias brasileiras, com a então província de Mato Grosso.

A atual ferrovia S. Paulo-Pôrto Esperança, percorrendo o sul de Mato Grosso foi inaugurada em 1915. Naquela ocasião, 1864, o Império do Brasil contava com escassos 8 a 10 milhões de habitantes, inclusive os escravos. A região oeste de Sta. Catarina e Paraná era constituída de sertão bruto e fazia face a florestas mais ou menos virgens do lado paraguaio. A fronteira na extremidade sul da província de Mato Grosso, acompanhava as mesmas características gerais da parte relativa ao Paraná e Sta. Catarina. Porém mais para o Norte e para oeste, apareciam três linhas de penetração até a República do Paraguai:

Uma delas, de Miranda, passando por Nioac e outra de Dourados-Ponta Porã; ambas penetrando no Paraguai, rumo Concepcion. A outra via de penetração, já bem conhecida naquela época, era o rio Paraguai, por onde eram feitas as comunicações com o Império conforme já dissemos.

2) Território do Paraguai.

Para o estudo do território da República do Paraguai do século passado com seus 600 a 800 mil habitantes, adotamos a divisão do naturalista Bertoni, conforme é apresentada pelo General Tasso Fragoso, isto é, em três zonas a saber:

a) zona do Chaco, a oeste do rio Paraguai;

b) zona do Paraguai propriamente dito, compreendendo o terreno entre este rio e o meridiano 56° W.G.;

c) zona da Kaa-Guassu, entre este meridiano e a fronteira com o Brasil.

O Chaco, baixo, plano, inóspito, desértico.

A Kaa-Guassu (em português: a Floresta Grande), constitui a terceira zona longitudinal "e afastada

ta-se inteiramente, pelo seu aspecto das duas outras, se bem que seu linde não provenha de nenhum fenómeno geo-topográfico e haja alguma coisa de arbitrário na eleição de um meridiano para sua fronteira. Na sua formação e aspecto topográfico assemelha-se à segunda, porém, difere em tudo o mais. Direi ainda que é mais uniformemente elevada, carece de planícies baixas e oferece em tôdas as suas partes escoamento ideal, tanto que, apesar de ter chuvas mais abundantes do que as outras zonas, não conta em parte alguma, banhados ou esteiros; suas terras são tôdas autóctones e as rochas em grande parte, vulcânicas... As raras povoações nela disseminadas em nada lhe puderam alterar o aspecto, e, em tudo leva a considerá-la como a terra da promessa, a grande terra prometida às gerações futuras, a floresta virgem que a cobre inteiramente bastou até agora para que o homem não a invadissem com as suas casas e rebanhos, e se contentasse de a violar em alguns pontos. É o triunfo da vegetação, favorecida por uma terra assombrosamente fértil e copiosa de chuvas..."

Estas curtas e simples palavras sobre o Chaco e a Kaa-Guassu, ligadas à descrição das zonas fronteiriças dos países vizinhos, evidenciam que estas duas regiões do Paraguai eram inacessíveis para grandes efetivos, salvo em pequenos trechos e em prazos muito reduzidos como realmente se verificou com a célebre marcha de flanco pelo Chaco, ordenada pelo grande Caxias.

Vejamos agora o Paraguai propriamente dito, isto é, as terras entre este rio e o meridiano 56° W.G. É uma região sensivelmente mais alta que o Chaco, coberta ora por selvas, ora por campos. Aí vivia e ainda vive em nossos dias, a maior parte da população paraguaia. O centro desta faixa, bem mais povoado é em regra agrícola, enquanto que nas extremidades sul e norte, a população mais rarefeita vivia entregue aos afazeres pastoris. A extremidade

sul desta zona constitui o grande palco da maioria das ações da guerra que ora recordamos e nela os exércitos permaneceram vários anos. É descrita por Bertoni do seguinte modo:

"É uma região natural de conjunto bastante homogêneo, uma grande planície baixa, frequentemente úmida, de prados e campos rasos com escassa vegetação arbórea, interrompida em numerosos esteros e várias lagunas de extensão variada. Em contraste com essa horizontalidade, há em sua parte central uns cerros insulados, que surgem repentinamente na planície à guisa de cones vulcânicos no mar, e que se unem para formar lombada.

Na direção do extremo oriente existem terrenos acidentados de grande extensão cobertos em grande parte de florestas".

3) Pormenores da subzona Sul.

Já vimos que essa subzona sul é abundantemente provida de rios, lagos, banhados e esteiros. Saliemos ainda que o curso destas águas, segue a direção geral este-oeste desaguando no rio Paraguai e que os cursos d'água à proporção que se aproximam de seu desaguardo, são mais largos e profundos. Uma simples vistas dolhos no mapa e a descrição de Bertoni e de outros autores, nos apresentam a região mais afastada do rio Paraguai com mais seca e de menor número de cursos d'água.

Podemos então tirar as seguintes conclusões para a pessoa que, na região considerada, percorrê-la segundo a direção geral sul-norte:

a) Quanto mais próximo seu itinerário estiver do rio Paraguai, mais largos e profundos serão os rios e esteiros;

b) Os caminhos mais afastados do rio Paraguai, despontam pela cabeceira, vários cursos d'água;

c) Os itinerários junto ao rio Paraguai, constituem verdadeiros desfiladeiros entre pantanais, enquanto que para o lado este, há amplo espaço para manobra.

III — SITUAÇÃO ANTES DA INVASÃO ALIADA

Recordemos agora a situação militar no início da guerra, até os preliminares da invasão do Paraguai.

Durante longos anos o caos voluntário existiu no Uruguai, nêlo perecendo muitos brasileiros e numerosos outros tiveram suas propriedades confiscadas; após várias dezenas de notas diplomáticas e ainda em virtude de anteriores tratados diplomáticos, o Brasil enviou numerosas forças militares de terra e mar para restabelecer a ordem na sua ex-província.

O governo uruguaio tinha o Sr. Besso como Presidente, substituído depois por Aguirre. O General Flores, chefiava a revolução.

O Almirante Tamandaré seguiu para o sul com poderosa esquadra para defender nossos patricios e após agravamento da situação, passou a bloquear os portos uruguaios.

Em consequência de vários incidentes, um exército brasileiro, denominado do sul e comandado pelo Marechal Mena Barreto, marcha para o Uruguai e seu 1º escalão ao comando do Gen. Osório, em dezembro de 1864, transpõe a fronteira. Passam por Paissandu e sítiam Montevideú, com seus aliados, os revolucionários do Gen. Flôres. Com a queda do governo uruguaio em 21-II-865, a 5ª Brigada brasileira do Gen. Sampaio, penetra na Capital uruguaia.

O ditador Lopes, do Paraguai, considera tais atos como ameaçadores à soberania dos pequenos povos e inicia operações bélicas contra o Brasil e a Argentina; para isto, desde o início de 1864 êle preparava 64.000 homens dos quais 28.000 já eram constituídos de veteranos em 1865.

Duas expedições, uma fluvial e outra terrestre invadem e conquistam o sul de Mato Grosso.

Paralelamente a estas, duas outras colunas marcham para o sul, uma invadindo a província argentina de Corrientes, junto ao rio Paraná, ao comando de Robles e outra sob a direção de Estigarribia, invade a Argentina em Candelária,

chega ao Brasil em S. Borja, desloca-se para o sul até Uruguaiana.

Os aliados tomam contra medidas, mobilizando forças. Parte do exército do sul deslocou-se de Montevideú para Uruguaiana onde ficou encerrada a coluna de Estigarribia. O cerco foi feito por brasileiros, orientais do Gen. Flôres e argentinos de Faunero, obtendo-se a rendição da coluna paraguaia em 18-IX-865.

Obtida a expulsão dos invasores do solo do Rio Grande, os aliados marcham em várias colunas através da República Argentina, repelindo os paraguaios, que se recolheram ao seu território. Cerca de 31.000 homens aliados, ficaram acampados entre Corrientes e Itati, em dezembro de 1865; eram 22.000 brasileiros, 11.000 argentinos e 4.000 orientais, efetivo êste que ao se iniciar a invasão em 16-IV-868, ascendia a 40.000 homens. Cerca de 4 meses foram dispendidos nos aprestos da invasão.

Tratava-se de penetrar em território desconhecido, transpondo um caudaloso rio. Podemos avaliar a quantidade enorme de material de transposição a reunir a outras medidas para, naquela época, levar 40.000 homens para o outro lado, face ao adversário. Entre os empreendimentos salientamos uma oficina para fabricação de cartuchame que foi montada em Corrientes, que até 19 de janeiro de 1866, já havia produzido 1.026.000 cartuchos e 11.041.000 fulminantes.

Naturalmente que havíamos chegado a esta situação inicial de pré-invasão, segundo certas Diretrizes e Planos que visavam levar a luta ao interior do Paraguai; vejamos porém, embora um tanto fora de cronologia, êstes Planos.

IV — OS PLANOS DE OPERAÇÕES

Em face das ameaças do Marechal Lopes, em consequência da declaração de guerra e de atos belicosos contra o Império do Brasil, tudo em fins de 1866, o governo brasileiro determinou que fôsem elaborados Planos de guerra, para fazer face à situação.

Conhecemos os seguintes :

1) Do Conselheiro Pimenta Bueno, Marquês de S. Vicente e datado de 3 de janeiro de 1865 ;

2) O de Caxias, com data de 25-1-865 ;

3) O executado pelo Almirante Tamandaré, comandante em chefe das forças em operações, conforme seu ofício confidencial de 10 de abril de 1865.

São Planos da mesma época e também sob o influxo de iguais idéias, como veremos adiante.

a) *Plano Pimenta Bueno :*

Este estadista do Império conhecia perfeitamente nosso país, havendo exercido altas funções, inclusive a de Presidente da Província de Mato Grosso, que fôra invadida pelos paraguaios.

Seu plano prescrevia duas colunas ; uma, executando um ataque secundário, de Mato Grosso, na direção do Apa, com base de operações em Miranda com 10.000 homens em seu efetivo. O ataque principal seria feito por um exército de 32.000 homens, atuando sobre a fortaleza de Humaitá, devendo desembarcar o mais próximo possível desta fortaleza, a fim de se evitarem os banhados. Após a queda de Humaitá e ao chegar ao rio Tebicuari, prevê o Plano Pimenta Bueno, a retirada das forças guaranis para Vila Rica. Curiosa outrossim, é a variante aventada de efetuar o desembarque entre Itaqui e Passo da Pátria, marchar direito à Assunção e em seguida vir sitiá-la Humaitá. Esta variante como foi enunciada parece-nos uma extravagância, pois, o Exército passaria de lado a Humaitá, dando o flanco e a retaguarda e esta fortaleza. Veremos porém quanto de acertado êle encerrava.

b) *Plano de Caxias :*

O Patrono do Exército preconizou a organização de 3 colunas : uma de cerca de 10.000 homens, em operação secundária na direção Miranda-Apa, só atravessando êste Rio, mediante ordem ; a do ataque principal, atuando por Passo da Pátria-Humaitá-Assunção. Até aqui

veremos as mesmas diretrizes do Plano Pimenta Bueno, porém, Caxias, acrescentou uma outra força das 3 armas, forte de 10.000 homens, que partindo do Rio Grande do Sul, região de S. Borja, operaria contra Itapua, ou S. Cosme, protegendo o flanco direito do ataque principal. Neste Plano vemos bem claro que a coluna de Mato Grosso não penetraria ousadamente e de modo isolado no Paraguai, mas segundo ordem do Alto Comando. A coluna de ataque de flanco seria suficientemente forte e em estreita coordenação com o Exército principal.

c) *Plano Tamandaré :*

Sabemos que o Almirante Tamandaré havia sido nomeado Comandante em Chefe de nossas forças de terra e mar que operavam no sul, inicialmente defendendo os interesses brasileiros e posteriormente apoiando o revolucionário Gen. Flores, contra o governo uruguaio. Em face do ataque paraguaio, o Almirante Tamandaré, Comandante em Chefe de nossas forças em operações no sul, elaborou um plano de operações contra o Paraguai que foi objeto de um ofício confidencial de 3 de março de 1865.

O Almirante preliminarmente tratou de bloquear a República do Paraguai, sem prejuízo das operações em curso contra o Uruguai. Seu Plano, muito semelhante aos anteriores consistia em invadir o Paraguai pelo Norte com 20.000 homens, manter um exército de observação em S. Tomé, transportar por via fluvial, o grosso das forças brasileiras desembarcando a 15 milhas abaixo de Humaitá.

d) *Análise sobre os Planos de operações :*

Os planos apontados, feitos na mesma época e sob influxo de mesmas idéias, têm seus pontos básicos uniformes. Assim vemos que todos êles, sem discrepância e com sabedoria, apontam o Teatro de Operações de Mato Grosso-norte Paraguai, como secundário. Concordam os ditos Planos em eleger para direção de esforço, uma linha

paralela e ao longo do rio Paraguai. Isto se deve, parece-nos de um lado, devido aos poucos conhecimentos que tinham da geografia do Paraguai e à ausência absoluta de cartografia. Por outro lado, buscavam concurso da poderosa frota de guerra do Brasil. Era muito acertadamente justaposição dos esforços Exército-Marinha.

Vejamos algumas diferenças existentes entre estes Planos.

A organização das tropas e seus efetivos variam entre uma e outra diretiva. Assim o Almirante Tamandaré atribui 20.000 homens para o Teatro secundário de Mato Grosso o que na realidade não se pode fazer, por um lado, em face das dificuldades de aprovisionamento naquelas longínquas paragens para aquela época e de outro lado, porque o Teatro principal drenava naturalmente todos os escassos recursos do Império.

Ainda no Teatro de Operações de Mato Grosso, o Plano Caxias limitava e coordenava a penetração dos atacantes, procurando impedir que essas forças penetrassem afoitamente no terreno inimigo, sendo aniquiladas.

No Plano Pimenta Bueno vimos uma idéia talvez expressa de modo inadequado, visto se tratar de civil, mas notável pela sua intuição.

Queremos nos referir à marcha na direção Itapua-Assunção, sua captura e retorno para bater os exércitos paraguaios que elle estima se quedariam em Humaitá.

Todos estes Planos acordam também numa particularidade, isto é, escolheram a parte mais alagadiça, coberta de pantanais, um "Deserto e Matos carrasquenhos", na expressão de Pimenta Bueno, para a região de esforço.

— Plano de Lopes :

Desconhecemos o Plano de operações de Lopes, parecendo-nos que até hoje, não foi encontrado documento a respeito, mas sabemos o que fez atacando os vizinhos de surpresa.

Um exército invadiu Mato Grosso por via fluvial e terrestre.

Seu exército expedicionário do sul, ao Comando de Robles, pene-

trou na Mesopotâmia Argentina e uma coluna de 10.000 homens das 3 armas ao comando do Ten.-Cel. Estigarribia, que cruzou a provincia de Corrientes e invadiu o Rio Grande do Sul em São Borja.

Vemos pois que eram três exércitos grandes, operando em direções divergentes, sem coordenação e sem idéia de esforço principal. Tudo indica que marchavam apenas com objetivos geográficos ou sejam :

— conquista e incorporação ao Paraguai, da região sul de Mato Grosso ;

— conquista da Mesopotâmia Argentina e Rio Grande do Sul, tornando-se potência marítima.

V — SUMARIO DAS OPERAÇÕES

De início já relembramos que os paraguaios iniciaram suas operações bélicas em fins de 1864, invadindo os países vizinhos, Argentina e Brasil e a partir de dezembro de 1865 repellidos, adotaram uma estratégia defensiva dentro de seu território.

Quanto aos aliados, sob o Comando do Gen. Presidente da Argentina, Mitre, seguiram com alterações e confusões, o Plano Caxias.

A 16-IV-1866, o bravo General Osório pisava o solo paraguaio juntamente com os primeiros elementos brasileiros. Seguem-se as batalhas e combates de Estero Belaco, Tului, Iataiti, combates de 16 a 18 de julho de 1866, conquista de Curuzu, 1º e 2º combates de Curupaiti.

A 10-X-1866, Caxias é nomeado Comandante em Chefe das forças terrestres e navais e dá-se início ao cerco da célebre fortaleza de Humaitá.

Em agosto de 1868, rendiam-se os últimos defensores desta fortaleza. A 19 de agosto de 1868 os grossos iniciam sua marcha para o norte, e a 24 deste mesmo mês transpõe o rio Neembucu, logo ao norte de Vila Del Pilar e a 24-IX, após percorrer 200 km os grossos das forças aliadas atingiram as famosas linhas fortificadas do Piquissiri. Em face desta formidável

posição Caxias executa a conhecida e memorável marcha de flanco, cai nas retaguardas do inimigo. Travam-se as brilhantes ações de Ito-rorô, Avaí, e a "dezembrada" (1868). A 1-I-869, as forças brasileiras penetram em Assunção. Caxias, enfermo e cansado, retira-se para o Brasil. Lopes reorganiza-se e resiste nas selvas, e tem início a campanha das Cordilheiras; vemos a manobra de Peribeubul, a batalha de Campo Grande e a 1-III-870 em Cerro Corá na picada de Chiriguêlo é derrotado um punhado de fugitivos paraguaios e morre Lopes sozinho, isolado de todos. Em 22-VI-876, os últimos soldados brasileiros deixaram Assunção.

VI — CONCLUSÕES

Podemos resumir as operações do seguinte modo:

- a) Gastamos o ano de 1865 para mobilizar e repelir o invasor do sul do País;
- b) 3,5 meses foram dispendidos nos preparativos para transpor o rio Paraná;
- c) 2 anos e 4 meses, para nos aproximarmos da fortaleza de Humaitá e vencê-la;
- d) 4 meses para chegarmos à Assunção;
- e) 1 ano e 2 meses, para consolidar a vitória, perseguir e aniquilar o tirano;
- f) 6 anos para reorganizar o Paraguai e reintegrá-lo num governo próprio.

Durante o tempo da guerra, os paraguaios combateram heróicamente, com grande tenacidade, obedecendo cegamente ao seu chefe supremo, porém, desde que iniciamos a contra ofensiva foram sempre repelidos e sistematicamente batidos pelos brasileiros. Sofremos apenas um revés, sendo repelidos no 1º assalto em Curupaity, porém, em campo aberto, sempre nossos

chefes demonstraram mais discernimento, maior capacidade e nossa tropa se impôs aos paraguaios. Tínhamos também superioridade técnica. Então por que essa longa guerra?

Parece-nos que a explicação está contida no estudo do terreno. Por falta de cartas e informações, escolhemos para direção de esforço o terreno que melhor se prestava à defensiva, tolhendo nossa capacidade de manobra. A direção que Pimenta Bueno indicara Itapua-Assunção, ou seja a da atual ferrovia, ameaçando diretamente a Capital, obrigaria os paraguaios a se interporem entre nós e, não só sua capital, mas regiões do país de onde vinham os recursos de toda a espécie. O papel da fortaleza de Humaitá, seria apenas o de barrar à nossa esquadra, o acesso a Assunção.

Caso sejam fundamentadas estas razões, fica salientado mais uma vez o valor primordial da Informação, abrangendo não só o terreno, mas todas as atividades econômicas do adversário, e até seu estado d'alma.



SACO AZUL . CINTA ENCARNADA